

Onde se aprende? O que se aprende?

Início a conversa que vamos ter sobre espaços/tempos de aprender e ensinar trazendo duas imagens que me acompanham desde que fiz o meu curso normal, terminado em 1961 (tem tempo, não é mesmo?): estão em um livro de Malba Tahan¹, professor de matemática imaginativo e criador de histórias que tanto fascinaram a minha e tantas outras gerações.

As duas imagens* mostram duas "professoras" contando histórias. Na primeira, de acordo com a legenda do livro: *a velha tia Delminda, babá aposentada, pessoa simples e iletrada, conta estórias do 'Arco da Velha' a um grupo de crianças do morro. Nota-se que o 'auditório', mal colocado, nada tem de homogêneo: à esquerda da narradora, vê-se uma jovem pré-adolescente e, ao lado desta, mais a baixo, um menino ainda na fase mágica. A cena, bastante expressiva, foi colhida junto à porta de sórdido barracão no centro de uma favela carioca (p.157).* Na segunda imagem, ainda segundo o livro: *com o auxílio de estampas coloridas, a professora Corina Maria Peixoto Ruiz, do Jardim de Infância do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, conta histórias em 'meiguice' a três pequeninos do 1o período pré-primário. Um dos ouvintes está no colo da narradora e os outros dois, sentados nas cadeirinhas, ouvem muito atentos os 'era uma vez...'. Observe-se o interesse com que a menina (do laço branco) acompanha a narrativa (p. 145).*

Em que pesem os comentários, bastante diferentes sobre as duas imagens que usam palavras e idéias comuns à época (décadas de 50/60 do século XX), e sobre os quais poderia fazer muitos comentários que deixo ao leitor/leitora, trago as duas imagens para mostrar como se aprende em espaços/tempos diferentes e com conteúdos diversos.

Contar/ouvir histórias faz parte de nossas vidas de ser humano, indivíduo e cidadão. Era/é, assim, por via da comunicação oral, que homens e mulheres, de todas as idades, desde a antiguidade mais remota contavam/contam feitos e passam, de uma geração a outra, modos de fazer em sua cultura (como cozinhar, como educar filhos, como fazer cestos, como bordar...). Nesses processos de contar/ouvir passa muito mais, no entanto, pois eles se dão em espaços/tempos nos quais sentimentos e conhecimentos de toda ordem estão presentes: valores, crenças, amor, medo, como amar o outro como legítimo outro, como nos ensina Maturana, ou como alguém estranho a quem devemos temer...

Esses modos de comunicar para aprender coisas e fatos essenciais à vida cotidiana, como pode ser percebido nas imagens usadas, exigem proximidades de corpos e posturas muito particulares dos envolvidos, nas quais, quando vemos uma cena dessas, sabemos que ali se está 'ensinando/aprendendo' algo. Isto pode ser observado, tanto nas duas fotografias acima como em outras duas, estas de uma jovem artista brasileira - Noale Toja - que fotografou uma escola pública do estado do Rio de Janeiro no final do ano de 1999. Era um momento em que provas eram feitas, resultados publicados, decidindo vidas, e a possibilidade de não se verem, por algum tempo, naquele espaço/tempo de contato diário, fazia com que alunos e alunas retardassem sua saída da escola e tivessem muitas coisas para contar e ouvir, em espaços não considerados como de aprender/ensinar na escola.

Pequenos segredos sobre um novo namorado ou consolo por uma eventual reprovação: o que mobilizou as duas alunas que se sentaram em um banco, debaixo de uma escada para conversarem? Que histórias acontecidas durante o ano, que comentários sobre professores e colegas, que planos para as férias fizeram com esses alunos e alunas se reunissem em círculo para conversar, enquanto esperam outros que terminam uma prova? Jovens, alguns se divertem com a imagem que a artista faz deles, enquanto outros deixam claro que a "intrusa" e seu aparelho, estão invadindo um espaço/tempo sagrado dos alunos - o pátio da escola, quase chegando o momento de saírem da escola no fim do ano.

Este movimento de reunir-se e, no encontro, contar/ouvir histórias está presente fora da escola e dentro dela, no passar cotidiano da vida: no pátio, para os alunos/alunas, e na sala de professores/professoras, na hora do cafezinho. Este processo de comunicar - conhecimentos, valores, crenças, modos de fazer...- ocupa uma parte importante de como aprendemos, entre tantas coisas, o 'ofício' de ser professor/professora. Estes fatos exigem de nós pensar e trabalhar sobre seus significados e importância, não é mesmo?

1 TAHAN, Malba. A arte de ler e contar histórias. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

*** Nota do Webmaster: Na versão on-line não estão disponíveis as imagens que acompanham a edição em papel deste jornal.**